

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

*Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 277-298

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE MONTES CLAROS (LISBOA). RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES DE 1988 (*)

João Luís Cardoso⁽¹⁾ e Júlio Roque Carreira⁽²⁾

1 – ANTECEDENTES; JUSTIFICAÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS

A estação pré-histórica de Montes Claros foi descoberta em finais de Abril de 1943 por Leonel Ribeiro, na sequência de revolvimentos de terras da abertura de arruamentos no Parque Florestal de Monsanto (Fig. 1). Investigado o local (apenas em Janeiro de 1944) pelo seu descobridor, em companhia de E. Jalhay e de A. do Paço, decorreram os trabalhos de escavação até 23 de Maio desse ano (Fig. 2). Anteriormente, tinham visitado a estação, responsáveis pela administração municipal, tendo-se obtido desta entidade os necessários apoios logísticos e financeiros. Em contrapartida, foram os materiais depositados em instalações camarárias, com o objectivo de ulteriormente serem integrados no espólio do Museu da Cidade, onde hoje se podem observar.

Foi a abertura de vala na estrada que contorna a Leste o actual abrigo para cavalos

^(*) *O presente trabalho resultou da refusão do relatório elaborado pelo primeiro signatário, e enviado ao então IPPC, na qualidade de arqueólogo responsável pelos trabalhos de escavação executados em 1988 em Montes Claros, com outros trabalhos entretanto publicados (CARREIRA & CARDOSO, 1992, 1994).*

⁽¹⁾ *Professor da Universidade de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*

⁽²⁾ *Rua Inácio de Sousa, n.º 5, 4.º andar. Lisboa.*

que proporcionou a identificação desta importante jazida. A área então considerada como de interesse arqueológico correspondia ao espaço delimitado pela referida estrada, o aludido abrigo “e um grande fosso que lhe fica a Norte” (JALHAY *et al.*, 1944), sem dúvida a pedreira abandonada que actualmente ali se encontra. Na opinião dos autores, a estação prolongar-se-ia, provavelmente, para o outro lado da estrada, de acordo com recolhas superficiais ali realizadas. Ainda segundo os citados autores, cartas topográficas oitocentistas, por exemplo a de J. J. F. de Sousa, de 1835 e a de F. Folque e Pereira da Silva, de 1878, indicam a existência de vários moinhos e casas, bem como de campos cultivados, na área da jazida. O “grande fosso” ainda não se encontra assinalado em 1854, na carta à escala de 1/100000. A construção do reduto de Montes Claros, no montículo sobre o qual assenta a actual pérgula e restaurante poderia justificar, pelo aproveitamento da pedra, aquela escavação. Seja como for, antes das obras do Parque Florestal, eram observáveis “paredes de casas ou muros de quintalejo” os quais, conjuntamente com as aludidas obras, que envolveram o plantio de milhares de árvores, prejudicaram severamente a conservação de estruturas arqueológicas e estratigrafia eventualmente existentes.

A segunda campanha de escavações decorreu em Abril de 1946; no entanto, “por um lado o mau tempo, e por outro a abundância verdadeiramente extraordinária de espólio arqueológico encontrado num espaço relativamente restrito” (JALHAY & PAÇO, 1948) limitaram a campanha a cinco dias úteis de trabalho. A escavação, tal como a anterior, realizou-se a Nordeste da cavaliça. Dos resultados obtidos, parece de salientar a grande abundância de indústrias microlíticas, “característica bem vindada da estação de Montes Claros”, representadas por triângulos escalenos, alguns com “enches” laterais e crescentes. Na cerâmica, avulta a referência à sua distribuição diferencial. Já no trabalho publicado em 1944 (*op. cit.*) se fazia menção a este facto: “Nas terras até aqui peneiradas, provenientes, do que talvez se possa chamar parte ocidental da estação, os fragmentos cerâmicos são de menores dimensões, e talvez menor a percentagem dos que contêm desenho”.

Tal observação é precisada em 1948; de facto, referem que a parte ocidental da jazida forneceu “uma percentagem maior de fragmentos lisos; os ornamentos, eram na maior parte constituídos por bordos serrilhados, cordões em relevo no gargalo e no bojo; as suspensões constituídas por orifícios, botões ou mamilos perfurados ou não, asas rudimentares, etc.” (*op. cit.*). Porém, declaram não ter encontrado sobreposição estratigráfica dos dois grupos de materiais aludidos, talvez devido aos intensos revolvimentos entretanto processados. Consideram, deste modo, estarem em presença de apenas uma ocupação. Quanto às cerâmicas campaniformes, que se concentrariam na parte oriental da estação, as decorações consistiam sobretudo em linhas incisas, sendo excepcional a decoração pontilhada, “tão vulgar noutras estações relativamente próximas como Alapraia ou S. Pedro do Estoril” (*op. cit.*).

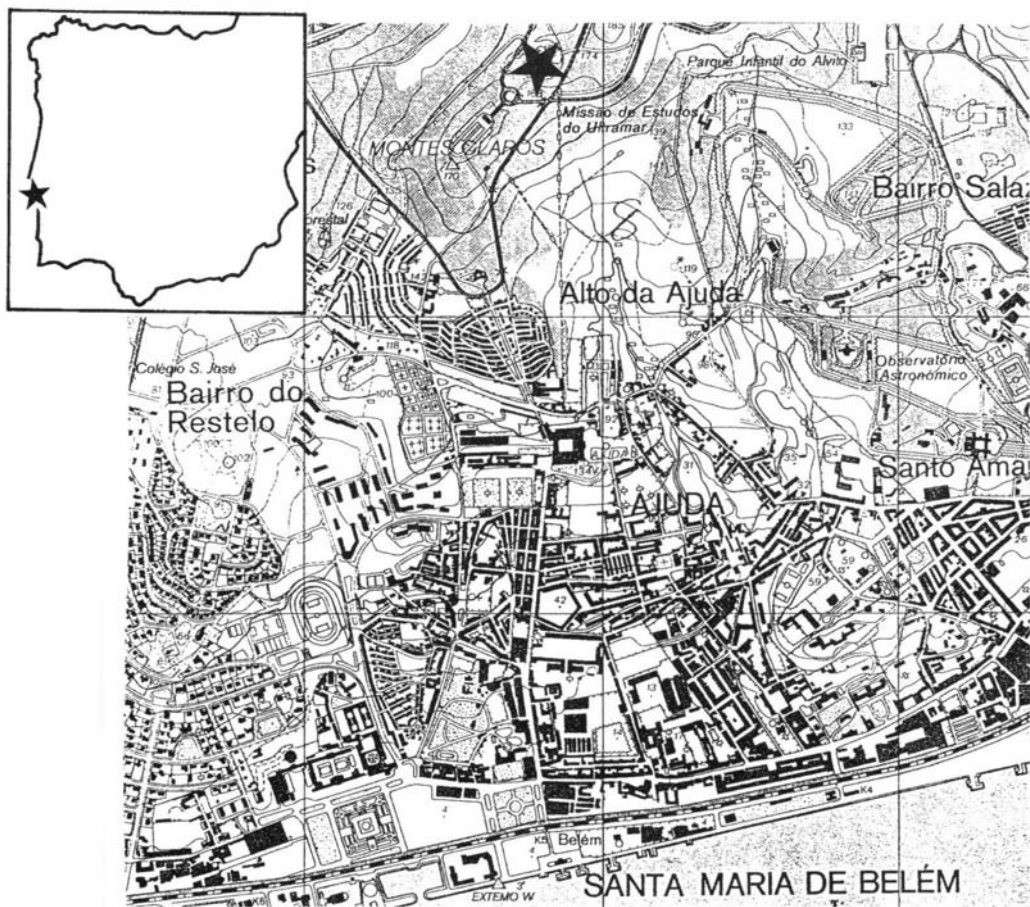


Fig. 1 – Localização geral da estação arqueológica de Montes Claros na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000, folha 431, Serviços Cartográficos do Exército, 1971.



Fig. 2 – Montes Claros. Trabalhos de escavação de 1944. Fotografia inédita do Arquivo Fotográfico da CML.

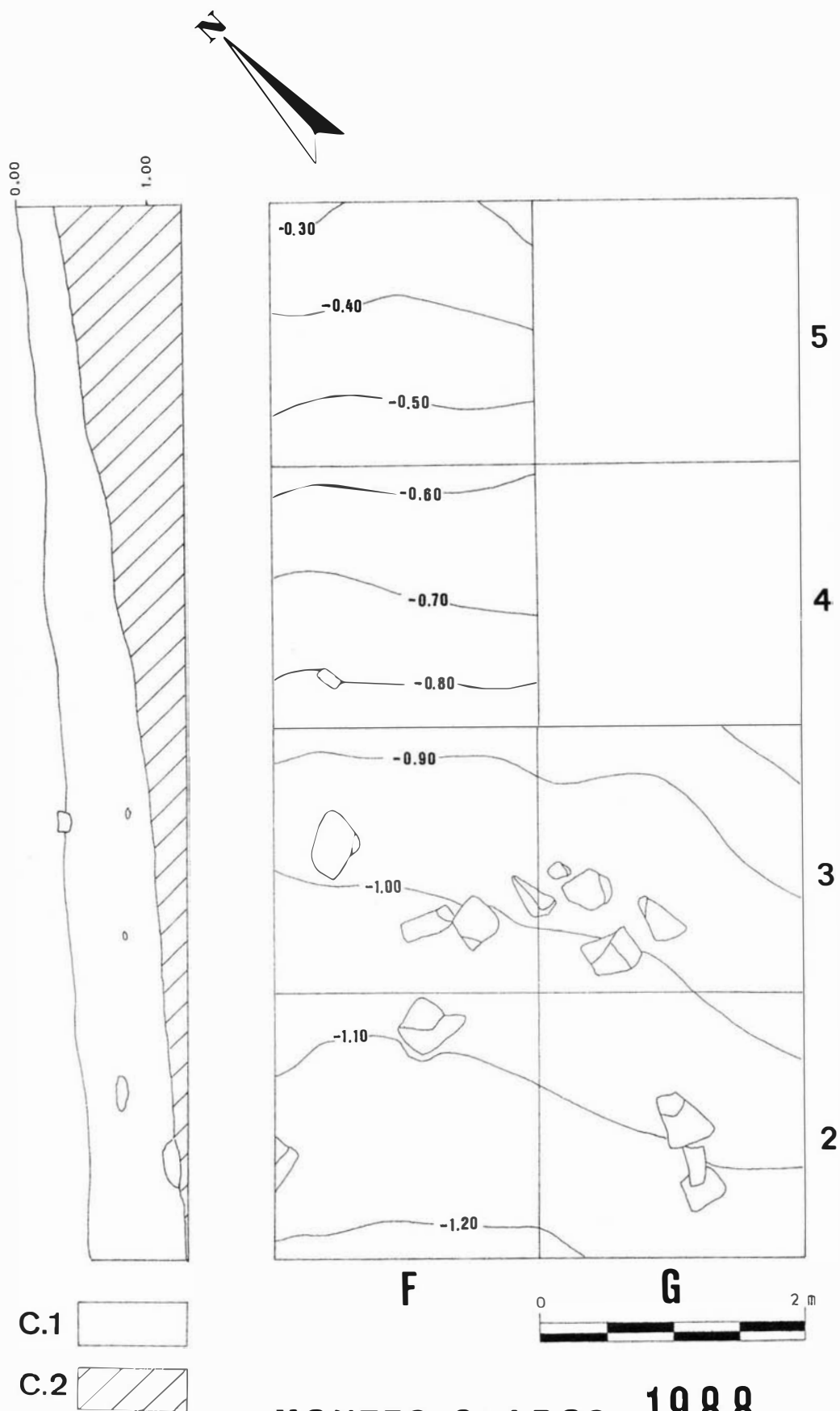


Fig. 3 – Localização da área escavada a tracejado no extracto da Planta do Parque Florestal de Monsanto, na escala de 1/1000, 1948.

As indústrias líticas constam, essencialmente, de objectos de sílex: “pequenos micrólitos, furadores obtidos por retoques nos bordos laterais, buris e microburis, lâminas, núcleos e uma imensidade de *dejects de taille...*” (PAÇO & BÁRTHOLO, 1954). Tais indústrias, em particular os micrólitos e os discos arredondados são os elementos mais característicos, conferindo a esta estação “um lugar distinto entre todas as suas congêneres campaniformes conhecidas no país”. Porém, de acordo com a sua tipologia, tais indústrias deverão remontar a época(s) pré-campaniforme(s). A esta conclusão parecem os autores chegar, em trabalho ulterior (PAÇO & BÁRTHOLO, 1957), associando em um grupo as citadas indústrias microlíticas aos recipientes de barro, na sua maioria lisos, o qual se diferenciaria de um outro, constituído pelas cerâmicas campaniformes. Esta convicção é, ainda, reforçada no último trabalho que A. do Paço, conjuntamente com M. L. Bártholo, dedicam à estação ao declararem: “Adivinha-se ali a existência de um fundo pré-campaniforme” (PAÇO & BÁRTHOLO, 1961). Tais considerações, contudo, só poderiam ser confirmadas, no entender dos referidos autores, por novas escavações, que se propunham realizar.

Porém, tal ideia tinha sido já posta em prática, desde 25 de Fevereiro de 1959, pelo descobridor da estação, L. Ribeiro. Estas escavações, de carácter muito eventual e intermitentes, tiveram o seu epílogo no dia 8 de Janeiro de 1964, quando a direcção do Parque Florestal de Monsanto, possivelmente cumprindo ordens camarárias, suspendeu os trabalhos. No decurso de quase cinco anos, apenas se efectuaram quarenta dias de trabalho de campo; a equipa, muito variável na composição e número de elementos, era constituída por alunos do Liceu de Gil Vicente, na sua maioria discípulos de L. Ribeiro, que se deslocavam ao local a suas expensas e de acordo com as suas disponibilidades, muitas vezes apenas para cumprirem escassas horas de trabalho diário. Até à suspensão das escavações – cujas razões não se encontram explicitadas no relatório publicado (RIBEIRO, 1966) – tinha-se escavado uma área de 75 m², distribuída por inúmeras pequenas valas, que possibilitaram a determinação de uma área de interesse arqueológico superior a 16000 m². A sua localização fez-se em plantas a diversas escalas. Registaram-se, ainda, a espessura da camada arqueológica, as características do substrato e a distribuição dos achados. Na altura da suspensão dos trabalhos, parecia poder identificar-se vestígios de estratigrafia. Embora o método arqueológico adoptado na abertura das “setenta covas” (*op. cit.*) tenha, sem dúvida, sido deficiente, orientado exclusivamente para a recolha de “ornamentados” (nome por que são designados, em diversas ocasiões, os fragmentos de cerâmica decorada, no citado relatório), teremos de atender à qualidade das escavações realizadas, na época, no nosso país, mesmo por arqueólogos mais conceituados ou “oficiais”. Concluir-se-á, em rigor, que os trabalhos de L. Ribeiro em Montes Claros não ficaram a dever em nada, nos seus aspectos mais negativos, aos produzidos por estes últimos...

A recuperação da informação contida nas plantas e cortes efectuados, bem como o



MONTES CLAROS 1988

Fig. 4 – Planta da área escavada e perfil estratigráfico correspondente ao seu lado noroeste. C1 – Camada superficial com materiais arqueológicos e modernos; C2 – Substrato geológico, constituído por tufos do “Complexo Basáltico de Lisboa”, de idade neocretácica.

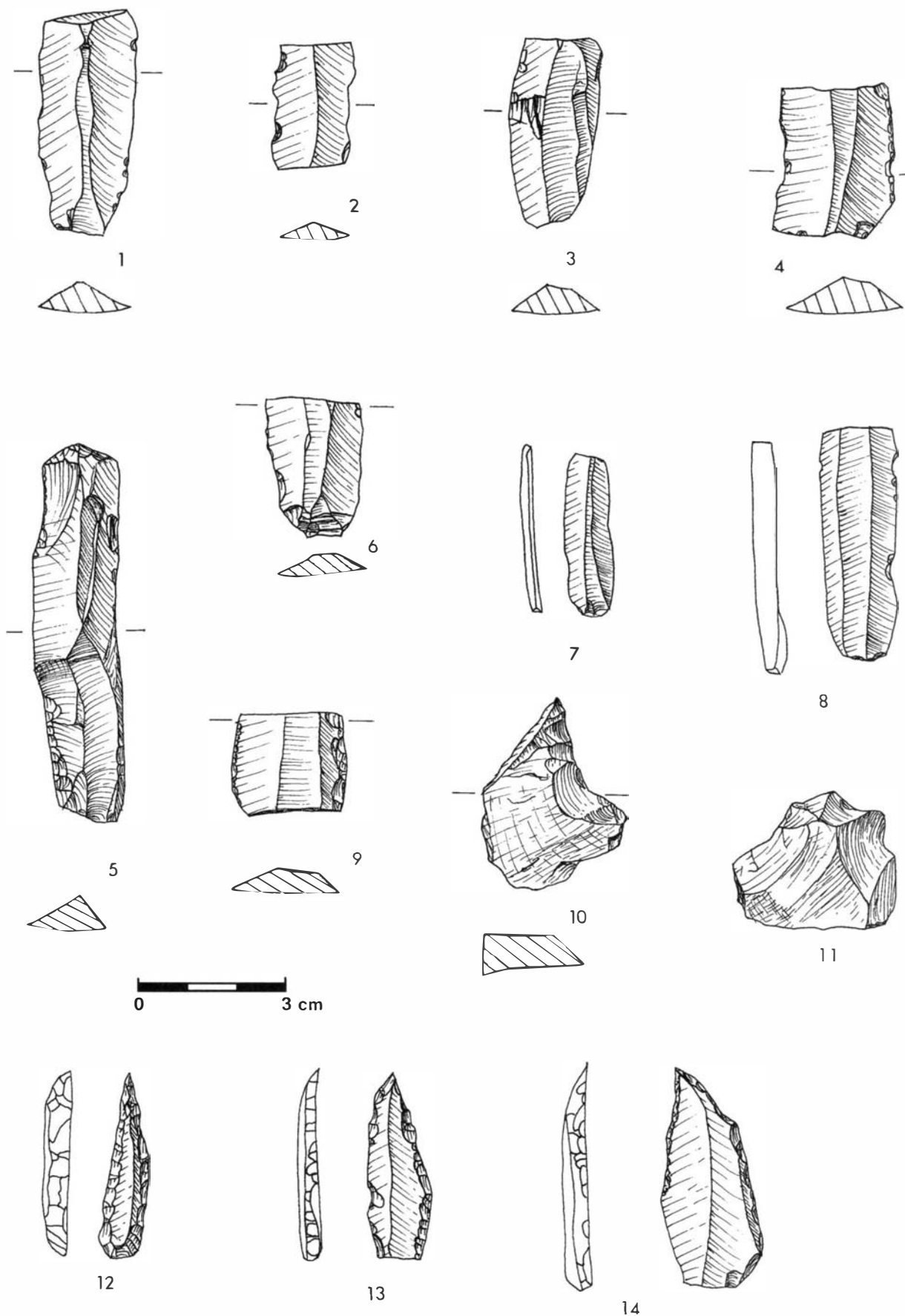


Fig. 5 – Indústria lítica recolhida na Camada 1: n.ºs 1 a 4, 6 a 9 - lâminas e fragmentos de lâminas, com e sem retoques; n.º 5 - raspadeira ("grattoir") em extremidade de lâmina; n.º 10 - raspador côncavo; n.º 11 - denticulado; n.ºs 12 a 14 - furadores sobre lâmina, de retoque abrupto.

estudo dos materiais recolhidos e jamais publicados, é tarefa que se considera prioritária à reavaliação de uma escavação em extensão na jazida, para o que muito contribuirão, por outro lado, os resultados obtidos com a escavação de 1988. Os trabalhos ali efectuados, sob a orientação científica do primeiro signatário, foram motivados, sobretudo, por três ordens de razões.

Do ponto de vista da salvaguarda e valorização patrimonial, os trabalhos justificaram-se, desde logo, pelo estado de acelerada degradação em que a jazida se encontrava aquando do levantamento arqueológico do Parque Florestal de Monsanto, efectuado em 1986 e 1987 sob a direcção de um dos signatários (J.L.C.), a pedido da respectiva administração. Por outro lado, pretendendo-se aproveitar o espaço do Parque Florestal de Monsanto como zona de lazer e cultura da população citadina, importava, se fosse o caso, valorizar devidamente o interesse arqueológico da jazida. Enfim, o pretendido aumento de uma cavalaria municipal, esteve na origem imediata dos trabalhos realizados no terreno em Setembro de 1988, após prévia autorização por parte do então IPPC.

Do ponto de vista estritamente científico, o interesse da realização dos trabalhos de escavação decorria da especial importância que teria a eventual confirmação de uma ocupação puramente neolítica, sugerida pelo espólio publicado, bem como da presença de um rico conjunto campaniforme, talvez o mais notável dos referenciados em contextos habitacionais, até hoje ainda tão mal conhecidos.

2 – TRABALHOS REALIZADOS. ESTRATIGRAFIA OBSERVADA

Pretendendo a Administração do Parque Florestal de Monsanto efectuar o alargamento, para Norte, do abrigo para cavalos já anteriormente aludido (Fig. 3), considerou-se prioritária a investigação desta área o que veio a verificar-se por convite expresso do Eng.º C. Souto Cruz, Director do Departamento do Ambiente e Espaços Verdes da CML, que assegurou os apoios logísticos indispensáveis, que muito agradecemos. Para o efeito, delimitou-se rectângulo com as dimensões de 4 x 8 metros. O eixo dos XX foi orientado segundo a parede das traseiras do referido edifício, com a direcção de N 45° Oeste. O eixo dos YY orientou-se a 90°; a área escavada foi dividida em quadrícula com 2 metros de lado (Fig. 4), com a origem situada provisoriamente no vértice do rectângulo de cota mais elevada, a que se atribuiu, arbitrariamente, o valor 00. Desta forma, obtiveram-se, sempre, cotas negativas.

Os trabalhos iniciaram-se com a escavação dos quadrados F2, F3, G2 e G3 tendo-se, depois, estendido aos quadrados F4 e F5. Os quadrados G4 e G5 não foram objecto de escavação.

A área escavada foi aprofundada até ao substrato, sem que se tenha identificado algum vestígio de estruturas arqueológicas. A estratigrafia observada foi a seguinte:

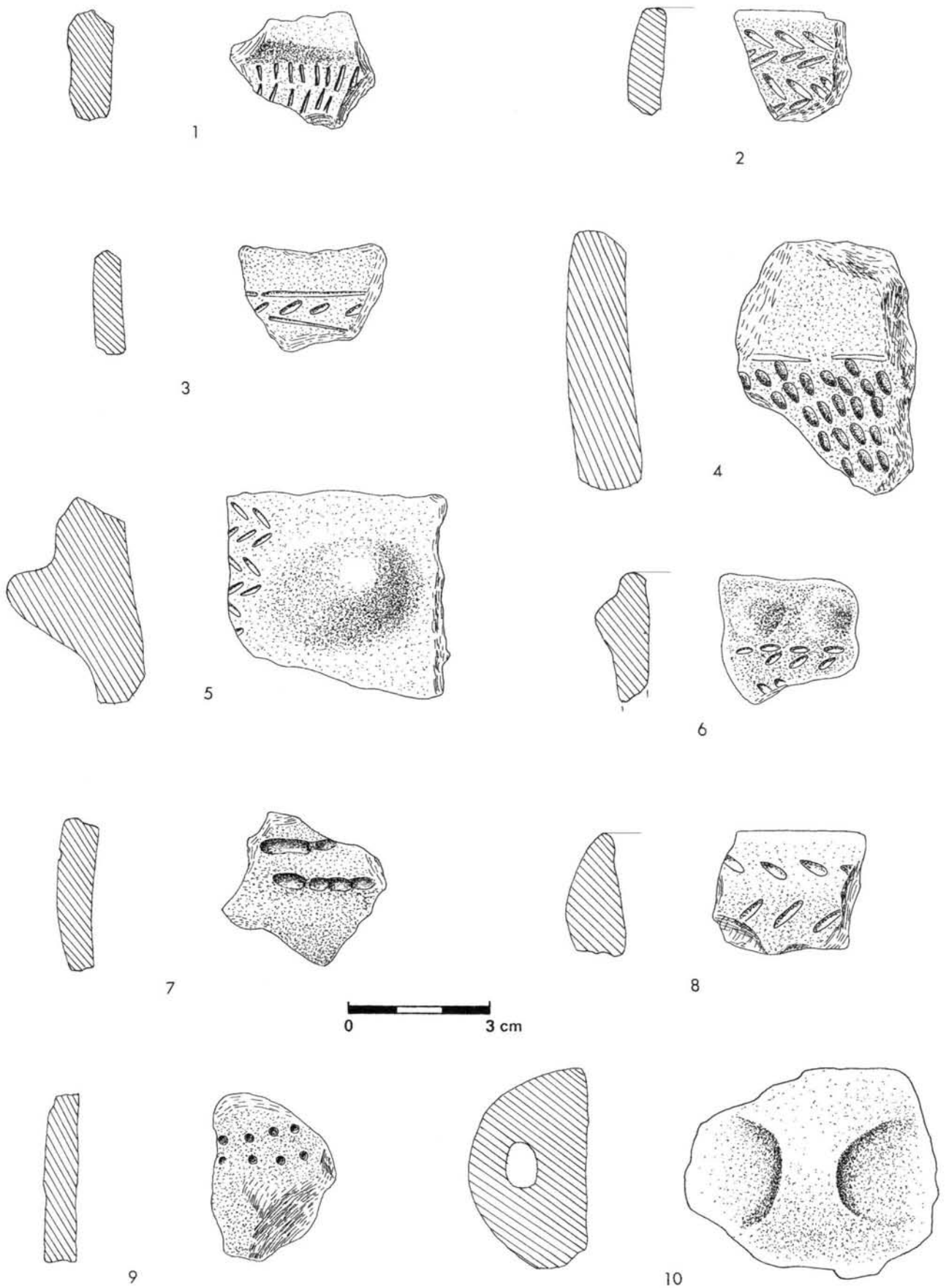


Fig. 6 – Cerâmica decorada do Neolítico final ou de tradição antiga recolhida na Camada 1: n.º 1 - cerâmica incisa; n.ºs 2, 5, 6 e 8 - cerâmica impressa, motivo “em espinha”, organizado em métopas horizontais; n.º 3 - cerâmica com decoração composta – incisa e impressa; n.ºs 4, 7 e 9 - cerâmica impressa, ponteadada e linear ponteadada (7); n.º 10 - asa. De referir o exemplar n.º 6, com dois mamilos simbólicos abaixo do bordo.

Camada 1 – terra arável, resultante da alteração das rochas pertencentes ao “Complexo Basáltico de Lisboa”, de idade neocretácica. Foram recolhidos abundantes materiais modernos em toda a espessura desta camada, que é variável: mínima no lado Nordeste da área escavada (0,25 metros), aumenta progressivamente para o lado oposto, onde atinge 0,70 metros. Contém abundantes blocos basálticos, aleatoriamente dispersos, porém mais abundantes na zona de maior potência. JALHAY *et al.* (1944) aludem a uma maior concentração de blocos na parte inferior desta camada, em consequência da limpeza da parte superior (“despedrega”), na altura em que estas eram ainda terras cultivadas.

A presença de materiais modernos em toda a espessura da Camada 1 atesta remeximentos recentes, relacionados com práticas agrícolas até à instalação do Parque Florestal.

Camada 2 – substrato geológico, constituído por tufos basálticos mais ou menos alterados.

A estratigrafia observada é, deste modo, semelhante à descrita pelos autores supra citados, com a diferença de, agora, se terem encontrado materiais modernos em toda a espessura do solo arável, facto que aqueles autores não mencionam. Ulteriormente, referem camada de cinzas de mais de um decímetro de espessura “sinal certo de ali terem existido fundos de cabana” (JALHAY & PAÇO, 1948).

O local que aqueles autores exploraram situa-se a Nordeste da cavaliça; a escavação agora efectuada interessou local situado a Oeste daquela estrutura.

No decurso da estadia da equipa no local, efectuaram-se reconhecimentos em toda a área envolvente da estação. Foi assim que, na berma do caminho aludido por JALHAY *et al.* (1944) como limite oriental da estação – facto que, mais tarde, L. Ribeiro demonstrou ser inexacto – se recolheram abundantes fragmentos de cerâmicas campaniformes, que escasseavam na área escavada. O facto de ser dali que provém a totalidade das cerâmicas pré-campaniformes, dá consistência à afirmação daqueles autores, no que se refere a uma distribuição diferenciada do material cerâmico, concentrando-se o campaniforme no lado oriental da estação.

3 – ESPÓLIO

Recolheram-se abundantes materiais arqueológicos em toda a espessura da Camada 1.

Indústrias líticas – predominam os subprodutos de talhe. Dentre os materiais tipologicamente mais importantes, salienta-se a presença dos seguintes materiais de sílex:

- núcleos sub-piramidais e sub-prismáticos; alguns revelam intensa utilização, tendo sido reaproveitados como percutores;

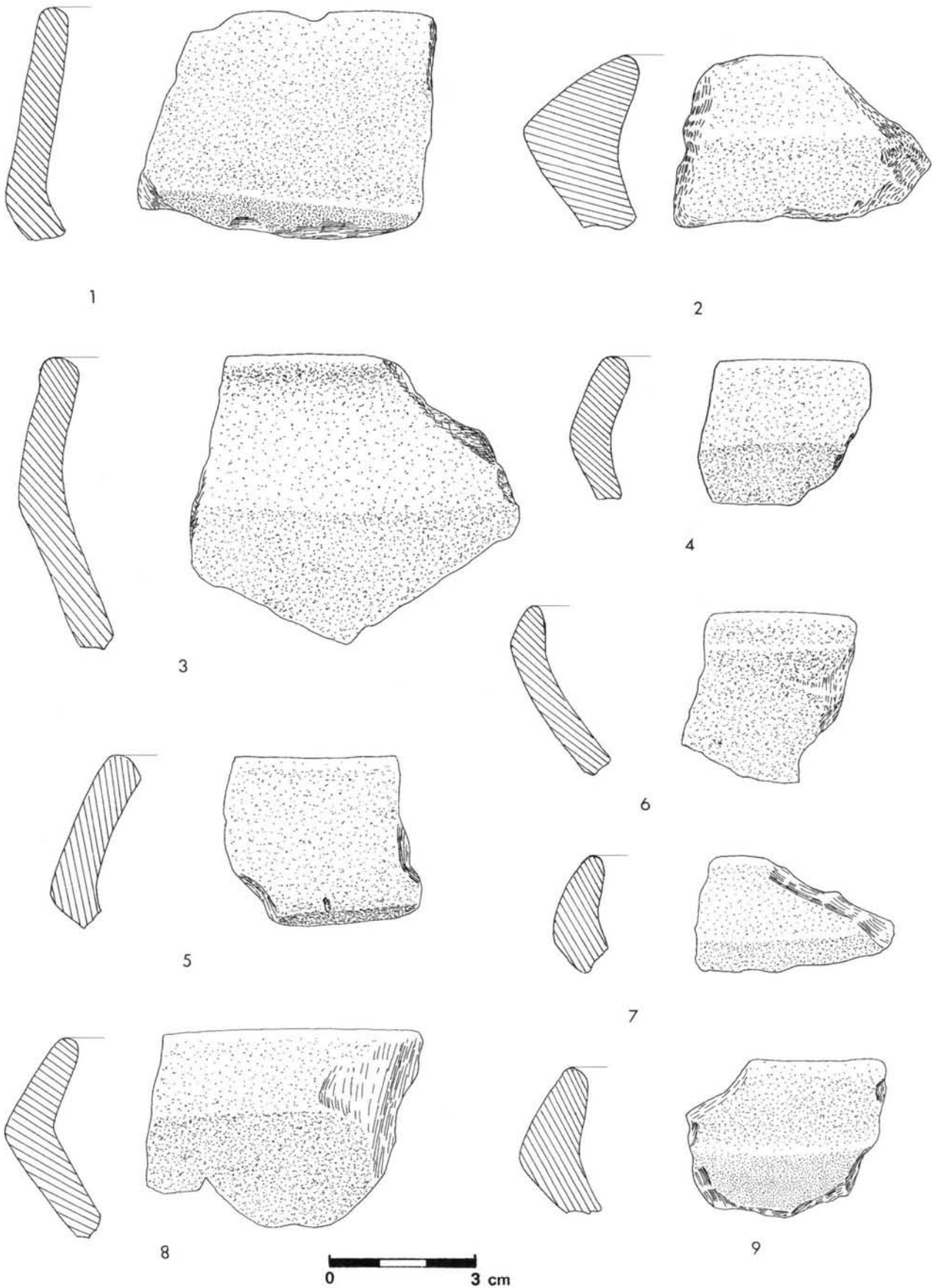


Fig. 7 – Cerâmica carenada lisa do Neolítico final da Estremadura.

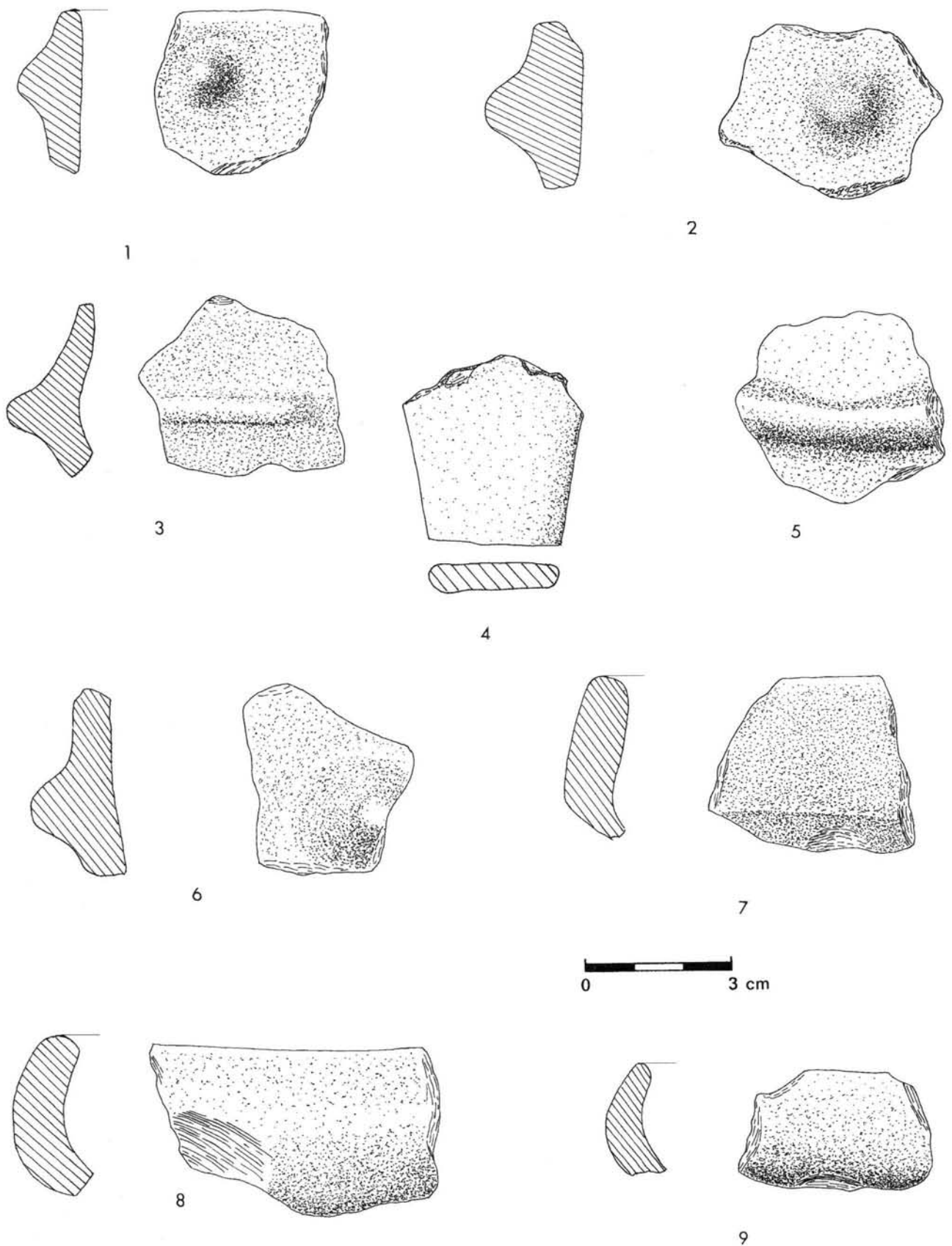


Fig. 8 – Cerâmica lisa do Neolítico final e do Bronze Final da Estremadura: n.ºs 1, 2 e 6 - recipientes mamilados; n.ºs 3 e 7 - taças carenadas, possuindo a primeira mamilo alongado na carena, semelhante aos existentes no Bronze Final; n.º 4 - fragmento de asa, provavelmente do Bronze Final; n.º 5 - taça em calote, com decoração plástica - cordão em relevo; n.ºs 8 e 9 - taças baixas.

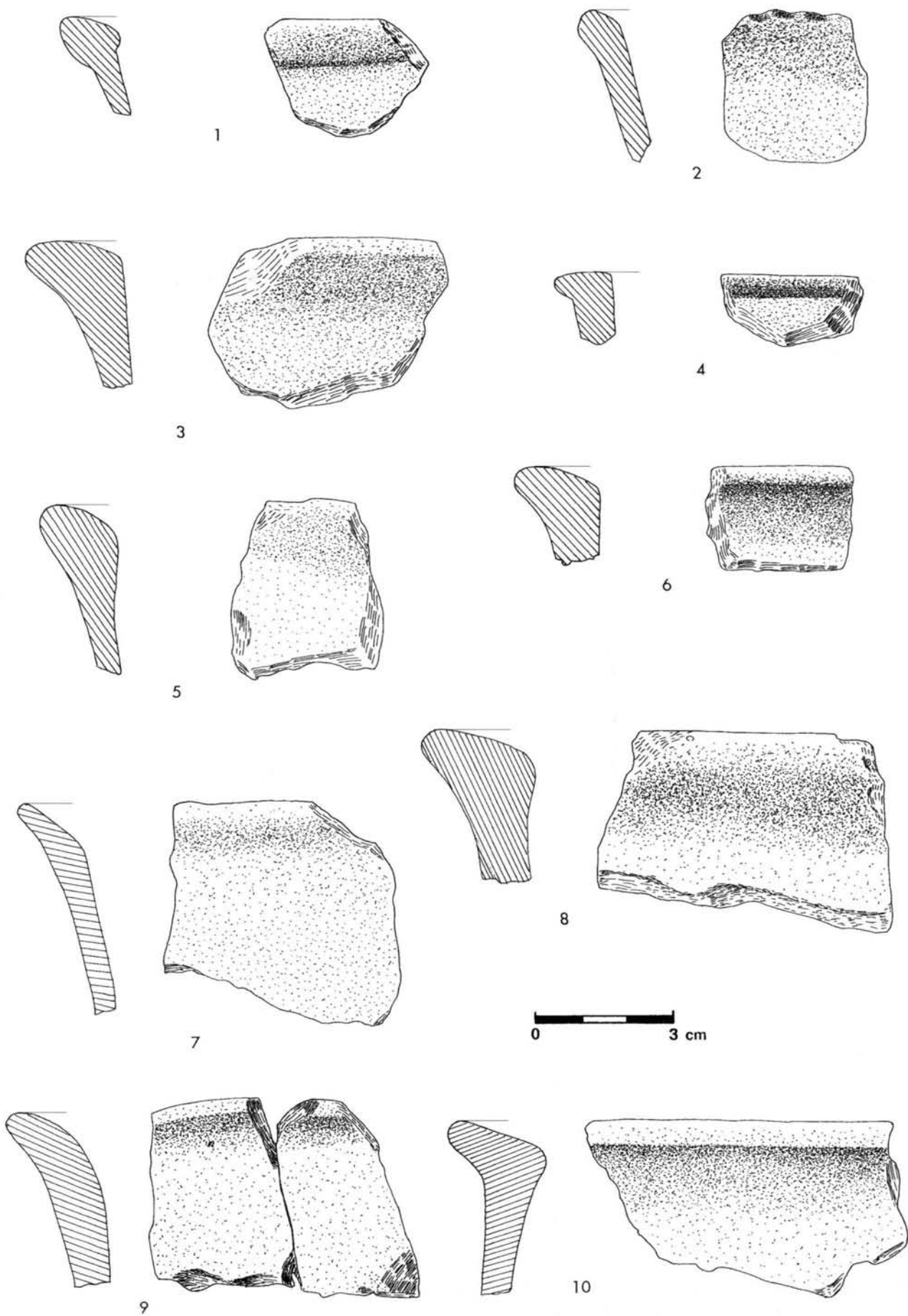


Fig. 9 – Fragmentos de vasos de bordo em aba. O n.º 2 apresenta o bordo decorado por denteado, motivo característico do Neolítico final da Estremadura.

- denticulados sobre lascas mais ou menos espessas e irregulares (Fig. 5, n.º 11);
- raspadores, de diversos tipos (Fig. 5, n.º 10);
- furadores, em geral sobre lâminas de retoque abrupto (Fig. 5, n.os 12 a 14);
- lâminas, por vezes retocadas, como as representadas (Fig. 5, n.os 1 a 4; 6 a 9);
- indústrias microlíticas, sendo abundantes as lamelas.

Uma análise preliminar da matéria-prima aponta para uma origem puramente local. Com efeito, os afloramentos calcários existentes nas proximidades são ricos em nódulos siliciosos, explorados desde a pré-história, como atestam as galerias encontradas em Campolide no decurso da abertura do túnel do Rossio (CHOFFAT, 1889).

De quartzito e quartzo, matérias-primas obtidas, igualmente, nas proximidades, em geral sob a forma de seixos mais ou menos rolados, testemunhos de antigas coberturas detriticas hoje quase totalmente desaparecidas, recolheram-se diversos exemplares intactos e outros muito sumariamente trabalhados. A sua idade poderá ser paleolítica.

Cerâmica – Consideradas isoladamente, pouco se pode adiantar quanto à cronologia relativa da maior parte das formas lisas, visto que estas, do Neolítico ao Calcolítico final, apenas variam percentualmente; todos os tipos calcolíticos eram já conhecidos no Neolítico final, de acordo com as conclusões obtidas no povoado pré-histórico de Leceia (SILVA *et al.*, 1994).

Para além de bordos sem espessamento (Fig. 10, n.os 4 a 8), são comuns as grandes taças de bordos em aba (Fig. 9, n.os 1 a 10), que apenas diferem dos bordos denticulados neolíticos por não possuírem este elemento decorativo. A única cerâmica lisa susceptível de possuir valor cronológico-cultural é a carenada, que ocorre insistentemente sob a forma de taças no Neolítico final da Estremadura, desaparecendo quase totalmente no decurso do Calcolítico inicial (*op cit.*). Na Fig. 7, n.os 1 a 9, representam-se diversos exemplares. Apenas no Bronze Final se volta a utilizar, de forma frequente, na Estremadura, tal tipo de cerâmicas.

A abundância de formas carenadas, dentre a cerâmica lisa, indica ocupação do local no Neolítico final, compatível com diversas formas decoradas a seguir descritas.

Cerâmicas decoradas (Fig. 6) – Está representada a técnica impressa (Fig. 6, n.os 2, 4 a 9); os restantes fragmentos apresentam-se decorados com incisões, em geral curtas e organizadas em motivos em espinha (os mais frequentes) ou em bandas reticuladas (Fig. 6, n.º 1); são, também, de referir as decorações plásticas, obtidas por meio de cordões em relevo (Fig. 8, n.º 5), ou de mamilos.

Na Fig. 6, n.º 6, representa-se fragmento possuindo par de mamilos associados a decoração impressa, em espinha; o significado simbólico-decorativo deste fragmento

parece evidente. Noutro caso, observa-se a associação da decoração impressa, em espinha, a elemento de prensão mamilóide perfurado (Fig. 6, n.º 5). Tal fragmento pertencia a vaso em forma de saco, com paralelos em diversas jazidas no Neolítico antigo. Quando identificável, esta parece ser a forma mais frequentemente representada em Montes Claros, a par das taças em calote ou hemisféricas.

As pastas apresentam-se, em geral, de granulometria média, com elementos não plásticos inferiores a 0,5 mm, com colorações acastanhadas, em ambas as superfícies e no interior, mais raramente anegradas. Os elementos não plásticos mais comuns são o quartzo e os feldspatos. Apenas em um fragmento com pequena asa (Fig. 6, n.º 10) – que poderia confundir-se com as asas existentes em certos recipientes do Bronze Final – se observam numerosos elementos não plásticos de minerais ferromagnesianos, que caracterizam, justamente, algumas das pastas cerâmicas pertencentes àquele período, de acordo com as observações efectuadas em jazidas das proximidades.

Cerâmicas lisas – Como atrás se disse, neste grupo cerâmico avultam as formas carenadas representadas por taças de diversos formatos, consoante a posição da carena; na Fig. 7 representam-se alguns dos exemplares recolhidos. Podem ser contemporâneos deles os recipientes de bordo em aba, de que se representam também alguns exemplares (Fig. 9, n.ºs 1 a 10); é neste tipo de recipientes que ocorre o único padrão decorativo que se pode reportar, seguramente, ao Neolítico final: trata-se do característico denteado, produzido por impressão na parte superior e/ou externa do lábio, como o exemplar da Fig. 9, n.º 2. A associação taça carenada/bordos denteados caracteriza, com efeito, o Neolítico final da Estremadura; entre outros locais, foi encontrada em contexto estratigráfico bem definido, subjacente ao Calcolítico inicial da Estremadura, em Leceia (CARDOSO *et al.*, 1987; CARDOSO, 1989, 1994). A existência em Montes Claros desta ocupação puramente neolítica, encontrava-se já indicada pela presença deste tipo de cerâmicas entre o material das antigas escavações (JALHAY *et al.*, 1944; JALHAY & PAÇO, 1948). A ela podem ainda ser reportadas outras formas de significado cronológico-cultural menos preciso, representadas na Fig. 10, bem como as já aludidas decorações incisas e impressas (Fig. 6).

As pastas apresentam em geral granulometria média, com elementos não plásticos que não ultrapassam 0,5 mm. Predominam o quartzo e os feldspatos. Num dos fragmentos, porém, ocorrem abundantes palhetas de mica (moscovite) e, noutro, avultam os elementos ferromagnesianos, como antes se referiu. Predominam as colorações acastanhadas, seguindo-se as anegradas. Interiores de fractura castanhos ou anegrados.

A associação de cerâmicas impressas, de formas e decorações na tradição do Neolítico antigo evolucionado da Estremadura, como as encontradas em Montes

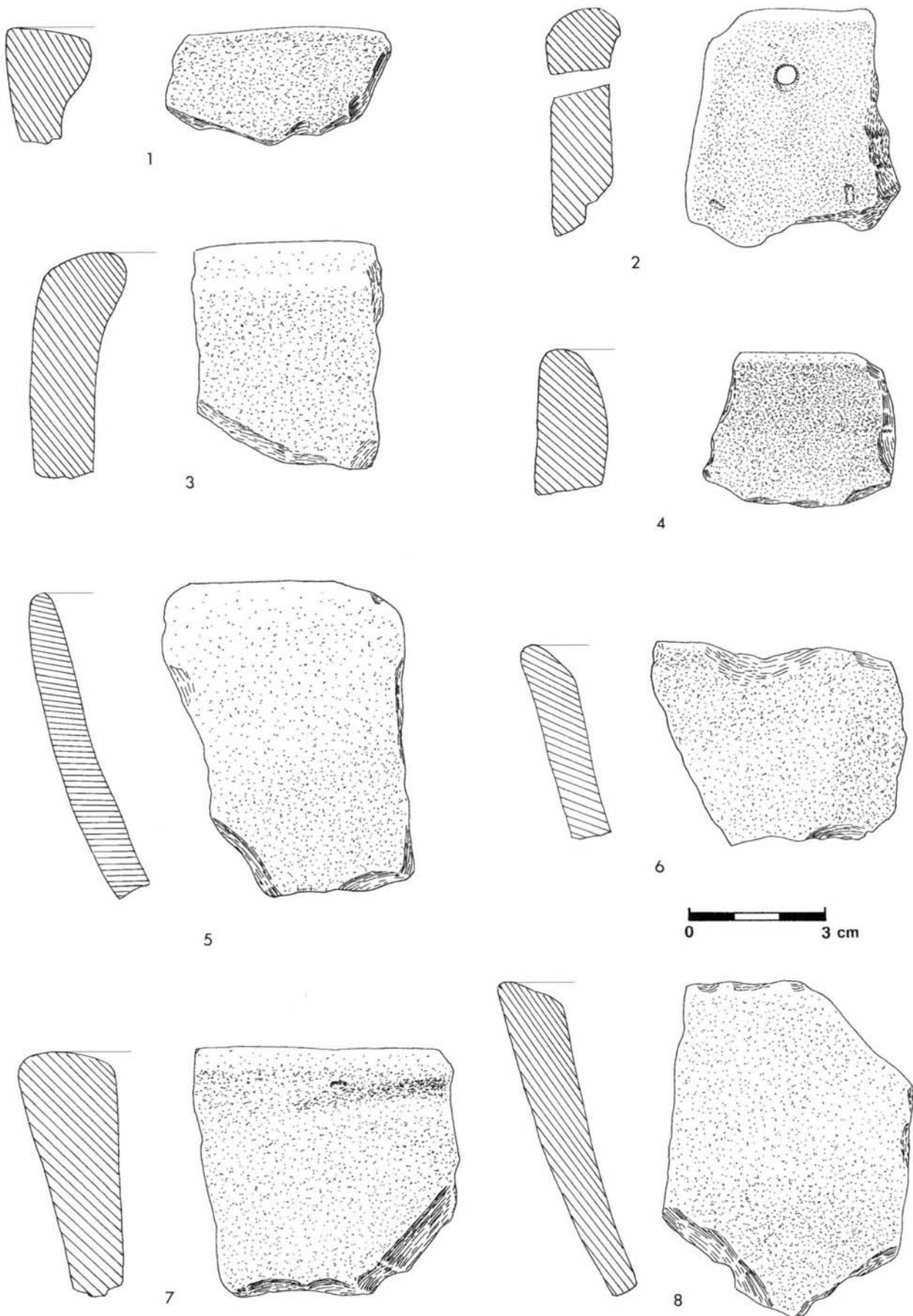


Fig. 10 – Cerâmica lisa e “industrial”: n.ºs 1 e 3 - bordos espessados interiormente; n.ºs 4 a 8 - bordos simples ou sem espessamento; n.º 2 - fragmento de peso de tear rectangular, com perfurações nos cantos.

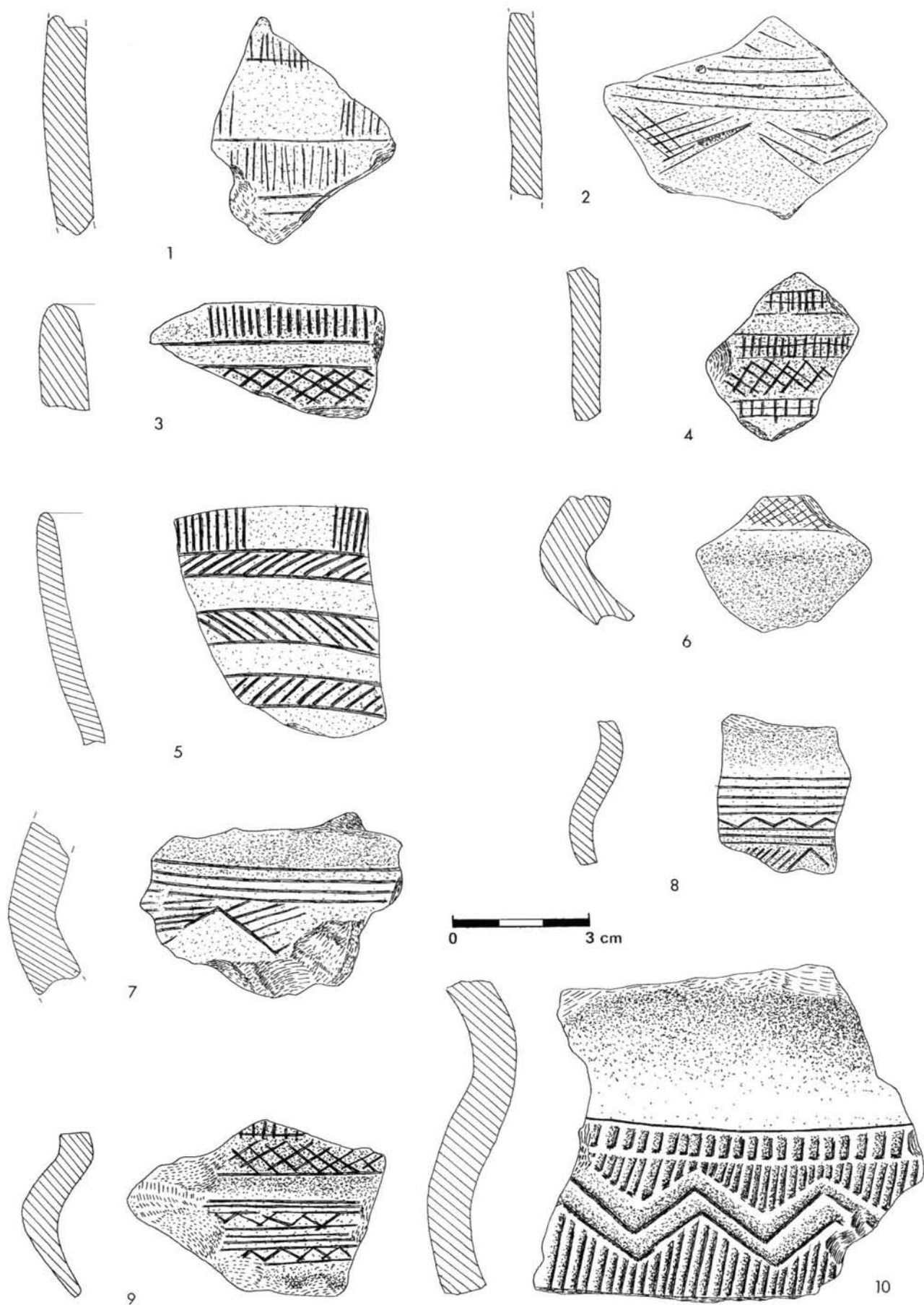


Fig. 11 – Cerâmica campaniforme incisa: n.ºs 1, 2 e 4 - de recipientes indeterminados; n.º 3 - de taça hemisférica; n.ºs 5, 6 e 9 - de “caçoi-las”; n.ºs 7 e 8 - de vasos campaniformes; n.º 10 - de “garrafa bojuda”, de grandes dimensões.

Claros, a outras, típicas do Neolítico final, foi discutida pelos autores em trabalhos anteriores (CARREIRA & CARDOSO, 1992, 1994; CARDOSO, 1994). Para eles remetemos o leitor.

Cerâmicas calcolíticas

Cerâmicas do grupo campaniforme inciso – é este o grupo – na terminologia de SOARES & SILVA (1974/77) – que foi reconhecido, e de forma exclusiva, entre os fragmentos campaniformes recolhidos em Montes Claros cerca de 50 metros a ESE, do local escavado. O facto de, na área escavada, ter sido recolhido apenas um fragmento, reforça, como se disse anteriormente, o padrão de distribuição diferenciado daquela cerâmica, concentrando-se na área oriental da jazida. A maioria dos fragmentos pertencem a recipientes cuja tipologia não foi possível definir. As únicas formas identificáveis, são:

- grandes vasos campaniformes, decorados no bojo (Fig. 11, n.º 7 e 10) e vasos campaniformes de pequenas dimensões (Fig. 11, n.º 8) igualmente decorados no bojo;
- “caçoilas” de pequenas dimensões (Fig. 11, n.º 6 e 9);
- taças em calote de bordo simples (Fig. 11, n.º 3).

Não se recolheram fragmentos de taças de tipo Palmela, tão abundantes nas escavações antigas.

Um fragmento de provável “caçoila” representado na Fig. 11, n.º 5, apresenta a particularidade de possuir perfil em calote, na parte superior do bojo, acima do colo; se não fosse ligeira inflexão da parede, renunciando este, seria confundida com uma taça em calote.

O grupo campaniforme inciso é o mais recente dos três considerados por SOARES & SILVA (1974/77). Embora nas escavações antigas se tenham recolhido alguns fragmentos decorados a pontilhado, a esmagadora predominância das cerâmicas incisas parece indicar cronologia recente, adentro deste grupo, podendo já representar o início da Idade do Bronze, na região (CARDOSO, 1995).

Tal como tinha sido já observado por JALHAY & PAÇO (1948), além das pastas médias ou mesmo grosseiras, com elementos não plásticos ultrapassando 4 mm, ocorrem pastas muito depuradas, que lembram as das cerâmicas da I Idade do Ferro da região.

Porém, as superfícies dos exemplares mais grosseiros encontram-se muito bem alisadas e, com a aplicação de uma aguada, o seu aspecto textural dificilmente se diferencia das pastas mais finas. Esta característica não se observava nas pastas neolíticas, apesar destas, em geral, se apresentarem menos grosseiras.

Os elementos não plásticos predominantes são o quartzo, seguido dos feldspatos. As micas (moscovite) ocorrem raramente e sempre em pequenas proporções; o mesmo se verifica quanto aos minerais ferromagnesianos, estes ainda mais raros.

Predominam as colorações superficiais negro-acastanhadas, seguidas pelas alaranjadas. Nestas últimas, os interiores são em geral anegrados.

Bronze Final

Já anteriormente se tinha feito referência à presença de possível ocupação da Idade do Bronze Final, a propósito de asa de recipiente cerâmico (Fig. 7, n.º 4). Neste grupo se poderão, de facto, incluir, pela sua tipologia, os seguintes exemplares cerâmicos:

- fragmento de taça carenada com mamilo alongado na carena (Fig. 7, n.º 3); trata-se de forma reconhecida na vizinha jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda (CARDOSO *et al.*, 1980/91; CARDOSO *et al.*, 1986).
- fragmento de vaso de grandes dimensões (vaso “de provisões”) com pega alongada no bojo.

Tal como o primeiro exemplar referido, também os dois restantes possuem abundantes paralelos naquela jazida.

As pastas apresentam-se de granularidade média, com elementos não plásticos de quartzo e felspáticos. As superfícies mostram-se castanhado-avermelhadas e os interiores de fractura anegrados.

*
* *

Para além dos diversos restos cerâmicos descritos, cuja ocorrência possibilitou a identificação provável de três ocupações principais sucessivas na área da estação arqueológica – Neolítico final, Calcolítico final / Bronze inicial e Bronze Final – deve ainda referir-se um último grupo, constituído pela chamada “cerâmica industrial”. Está representado por fragmento de peso de tear rectangular com perfurações nos cantos (Fig. 10, n.º 2). Trata-se de artefacto integrável no Calcolítico da Estremadura; no caso presente, dada a inexistência ou raridade de materiais integráveis no Calcolítico inicial ou pleno, resta a possibilidade de pertencer à sua fase final, representada pelas cerâmicas campaniformes; porém, ao contrário destas, foi recolhido na área escavada, no decurso da limpeza do terreno antes de se iniciarem os trabalhos.

4 – CONCLUSÕES

Dos trabalhos de escavação em Montes Claros realizados em 1988 resultaram as seguintes conclusões gerais:

– No Neolítico, provavelmente em fase precoce do Neolítico final (CARREIRA & CARDOSO, 1994), uma população portadora de cerâmicas com decorações incisadas e impressas, na tradição das cerâmicas do Neolítico antigo evolucionado, instala-se no planalto de Montes Claros. Esta primeira ocupação não tinha, até agora, sido referenciada na jazida; é, também, a primeira vez que é caracterizada na região de Lisboa. A estação mais próxima, na Península de Lisboa, que forneceu tais cerâmicas, é o povoado de Olelas (Sintra), como se pode concluir pelas reproduções publicadas (SERRÃO & VICENTE, 1958); no caso presente, tal ocupação era, também, sugerida por várias reproduções apresentadas no primeiro trabalho dedicado à estação.

As evidências disponíveis em Olelas (SERRÃO & VICENTE, 1958) e no Alto de S. Francisco (SILVA & SOARES, 1986), levam a incluir tais cerâmicas no Neolítico final, haja em vista a sua associação a taças carenadas e vasos de bordos denteados, conjunto que foi datado em Leceia (Oeiras) na segunda metade do IV milénio AC, após calibração (SOARES & CARDOSO, 1995); a esta fase cultural poderá reportar-se a maior parte dos materiais líticos recolhidos, entre os quais avultam certos furadores sobre lâmina e indústrias microlíticas, abundantemente documentadas nos materiais provenientes das antigas escavações.

A crescente preferência por locais elevados, com boas condições de defesa, evidencia-se, na região estremenha, a partir do Neolítico final; são estes locais que, nalguns casos, se fortificam, logo no início do Calcolítico – Leceia constitui disso frisante exemplo – a que se pode associar tanto Olelas como os sítios não fortificados do Alto de S. Francisco e de Montes Claros. Após provável hiato correspondente ao Calcolítico inicial e pleno da Estremadura, Montes Claros voltará a ser ocupado por população portadora de cerâmicas campaniformes, na sua esmagadora maioria integráveis no Grupo Inciso, o terceiro e último da periodização de SOARES & SILVA (1974/77). A grande abundância destes materiais coloca Montes Claros entre as estações portuguesas de carácter habitacional mais importantes, no contexto das suas congéneres campaniformes; os materiais recolhidos na zona escavada, muito escassos, contrastam com a abundância dos provenientes de pequeno talude natural da área oriental da jazida. Tal facto, indicando ocupação diferenciada do planalto de Montes Claros relativamente à zona anteriormente ocupada no Neolítico, confirma as observações dos antigos exploradores da jazida

A última ocupação pré-histórica de Montes Claros remonta ao Bronze Final. Trata-se de vestígios cerâmicos pouco característicos, correspondentes, provavel-

mente, a populações de carácter rural, sediadas em habitats isolados e de pequenas dimensões, semelhantes ao identificado e escavado na vizinha Tapada da Ajuda.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações realizadas 1983-1988*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial). Câmara Municipal de Oeiras, 164 p.
- CARDOSO, J. L. (1994) – Investigação Arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-Madan*, Série II, 3, p. 59-74.
- CARDOSO, J.L. (1995) – Ocupação campaniforme do povoado de Montes Claros. Catálogo de exposição *A Idade do Bronze em Portugal* (Lisboa, 1995), p. 35. Instituto Português de Museus. Lisboa.
- CARDOSO, J. L.; ROQUE, J.; PEIXOTO, F. & FREITAS, F. (1980/81) – Descoberta da jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. *Setúbal Arqueológica*, 6/7, p. 117-148.
- CARDOSO, J. L.; RODRIGUES, J. A. S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. Roque (1986) – A jazida da Idade do Bronze Final da Tapada da Ajuda. Lisboa – *Revista Municipal*, Série II, 15, p. 3-18.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) – *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras, 23 p.
- CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1992) – Testemunhos da ocupação neolítica da serra de Monsanto. *Al-Madan*, Série II, 1, p. 15-18.
- CARREIRA, J. Roque & CARDOSO, J. L. (1994) – Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico final estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), 2, p. 69-78.
- CHOFFAT, P. (1889) – *Étude géologique du tunnel du Rocío*. Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal. Lisboa.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1948) – Lisboa há 4000 anos. A estação pré-histórica de Montes Claros (Monsanto). *Lisboa e seu Termo (estudos e documentos)*, p. 51-58. Câmara Municipal de Lisboa.
- JALHAY, E.; PAÇO, A. DO & RIBEIRO, L. (1994) – Estação pré-histórica de Montes Claros – Monsanto. *Revista Municipal*, 20/21, p. 17-28. Câmara Municipal de Lisboa.

- PAÇO, A. DO & BÁRTHOLO, M. L. (1957) – Nota acerca de algumas cerâmicas da estação eneolítica de “Montes Claros” (Monsanto). 23.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências (Coimbra, 1956), 8, p. 365-370.
- PAÇO, A. DO & BÁRTHOLO, M. L. (1961) – Nota acerca de uma escudela do povoado do Bronze I de Montes Claros (Monsanto – Lisboa). *Zephyrus*, 12, p. 230-233.
- RIBEIRO, L. (1966) – Relatório das escavações feitas na estação neo-eneolítica de Montes Claros por alunos do Liceu de Gil Vicente, de 25 de Fevereiro de 1959 a 8 de Janeiro de 1964, sempre presenciadas e dirigidas pelo seu professor Leonel Ribeiro. *Arqueologia e História*, Série VIII, 12, p. 223-283.
- SERRÃO, E. da Cunha & VICENTE, E. Prescott (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-124.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Coleção Parques Naturais, 15. Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, 211 p., Lisboa.
- SOARES, A. Monge & CARDOSO, J.L. (1995) – Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5.
- SILVA, C. Tavares da; SOARES, J. & CARDOSO, J.L. (1994) – Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. *Trabalhos de Arqueologia*, 7, p. 159-168.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974/77) – O grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, Série III, 7/9, p. 101-112.